

# MULHERES NEGRAS EM DIÁSPORA: A SORORIDADE NAS OBRAS DE TONI MORRISON

BLACK WOMEN IN DIASPORA: SISTERHOOD IN TONI MORRISON'S NOVELS

Natalia Fontes de Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** A fim de trazer à tona as discussões de obras literárias produzidas por mulheres negras em diáspora, este ensaio concentra-se na sororidade entre as personagens femininas nas obras *Sula* (2004) e *Compaixão* (2019), de Toni Morrison. Por meio desses laços de sororidade, as personagens redefinem a própria subjetividade e lutam pelo próprio fortalecimento e por empoderamento. Como se verá, apesar de mulheres negras há muito serem marginalizadas do cânone literário, escrituradas de mulheres em diáspora vêm redefinindo as tradições literárias e evidenciando questões de raça, classe e gênero à frente das discussões. Toni Morrison, uma das escritoras mais influentes do século XX, falecida em 2019, deixou um legado para as escritoras e intelectuais negras. Vencedora do Prêmio Nobel e do Pulitzer Prize, Morrison contribuiu imensamente para a discussão sobre literatura afro-americana e críticas literárias – especialmente a produzida por mulheres negras – por meio de suas obras literárias e ensaios críticos. Por meio dos romances estudados, este artigo propõe-se a evidenciar de que modo Morrison desafia ideias preconcebidas e descreve as implicações de ser uma mulher negra durante e após a escravidão. Como se verá, a maioria das personagens femininas da autora é influenciada por laços que constantemente moldam suas vidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** diáspora negra; autoria feminina; Toni Morrison; sororidade

**ABSTRACT:** This article focuses on sisterhood among women characters Toni Morrison's *Sula* (2004) and *A Mercy* (2019) to bring to the forefront of discussions literary works produced by black women. Through sisterhood the women characters shape their own subjectivities and fight for empowerment. As we will see, although black women have been marginalized from the literary canon, women's writing in diaspora have been redefining literary traditions by highlighting aspects of race, class and gender. Toni Morrison, one of the most influential writers of the twentieth century, passed away in 2019 but left a legacy for black writers and intellectuals. She won the Nobel Prize and the Pulitzer Prize, greatly contributing to the discussions of Afro-American literature, especially that produced by black women writers through her literary works and critical essays. With the analysis of the chosen novels, this article illustrates how Morrison defies preconceived ideas by writing about black women during and

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Comparada pela Purdue University – Estados Unidos da América. Professora Adjunta da Universidade Federal de Viçosa – Brasil. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-0566-1791>. E-mail: [n.fontesoliveira@gmail.com](mailto:n.fontesoliveira@gmail.com).

after slavery. The majority of the women characters is influenced by deep bonds that constantly shape their lives.

**KEYWORDS:** black diaspora; women writers; Toni Morrison; sisterhood

O crescente número de intelectuais negros, em especial de mulheres negras intelectuais, vem redefinindo os cânones literários. Escritoras e escritores negros, nesse sentido, vêm impulsionando a diáspora negra nas tradições literárias. Barbara Smith salienta que escritoras negras têm, sim, uma forte tradição literária (1994, p. 416).

Muitas autoras da crítica contemporânea, tais como bell hooks, Carole Boyce Davies, Barbara Smith, Angela Davis e Glenora Hudson-Weems têm fornecido uma sólida base teórica para a compreensão das peculiaridades da ficção produzida por mulheres negras e suas implicações. Ao discutir ficção afro-americana, hooks, por exemplo, levanta questionamentos muito importantes, como “Como nós podemos criar uma visão de mundo oposta, uma consciência, uma identidade, uma perspectiva que não só existe como a luta que se opõe à desumanização, mas também como aquele movimento que permite a autorrealização criativa e expansiva?” (HOOKS, 1990, p. 15, tradução nossa).<sup>2</sup> Suas indagações relevantes enriquecem textos teóricos e literários, enquanto críticos e autores buscam paradigmas alternativos para retratar a cultura negra.

Carole Davies, por sua vez, argumenta que “a categoria mulher negra, ou mulher de cor, existe como performances múltiplas de gênero, raça e sexualidade baseadas em específicas comunidades de classe, culturais, históricas e geopolíticas” (1994, p. 8, tradução nossa).<sup>3</sup> Davies destaca a

---

<sup>2</sup> “How do we create an oppositional worldview, a consciousness, an identity, a standpoint that exists not only as that struggle which also opposes dehumanization but as that movement which enables creative, expansive self-actualization?” (HOOKS, 1990, p. 15)

<sup>3</sup> “the category Black woman, or woman of color, exists as multiple performances of gender and race and sexuality based on the particular cultural, historical, geopolitical, class communities” (DAVIES, p. 8, 1994)

importância de se considerar as experiências heterogêneas de mulheres na análise de obras literárias.

Toni Morrison é uma das escritoras mais influentes do século XX, tendo publicado muitos livros e ensaios e sido aclamada por muitos prêmios prestigiosos, como o Pulitzer e o Nobel de literatura. Ao se conhecer um pouco da vida da escritora, ressalta-se aqui, em sintonia com Djamila Ribeiro, crítica literária brasileira que discute a importância de reconhecer o “lugar de fala”, a posição-sujeito de Toni Morrison. A autora nasceu em Lorain, no estado de Ohio, Estados Unidos, e era a segunda entre os quatro filhos de uma família negra da classe trabalhadora. Ela cursou a Universidade Howard e depois obteve seu título de mestre pela Universidade Cornell.

Falecida em 2019, Morrison contribuiu imensamente para as discussões sobre literatura afro-americana e crítica literária – especialmente as produzidas por escritoras negras – por meio de suas obras literárias e seus ensaios críticos, ao lado de outras escritoras como Lorraine Hansberry, Maya Angelou e Audre Lorde. A autora evidenciou a compreensão da experiência feminina durante a diáspora negra, ao desafiar em seus romances ideias preconcebidas sobre as implicações de ser uma mulher negra durante e após o regime de escravidão. A maior parte das personagens femininas de Morrison é influenciada pelos laços que moldam constantemente suas vidas.

De maneira a contribuir para as discussões literárias sobre obras de autoras negras em diáspora, este artigo debruça-se sobre os romances *Sula*, cuja primeira edição é de 1973,<sup>4</sup> e *A Mercy* [*Compaixão*], publicado pela primeira vez em 2008,<sup>5</sup> de Toni Morrison, a fim de investigar como o vínculo de sororidade influencia positivamente as personagens femininas. Entende-se sororidade

---

<sup>4</sup> Foi utilizada neste artigo a edição de 2004, conforme consta das Referências.

<sup>5</sup> Para as citações do romance *Compaixão*, de Toni Morrison, usamos no corpo do texto a tradução publicada de José Rubens Siqueira, pela editora Companhia das Letras (2019). Como optamos por deixar as citações originais como nota de rodapé, também usaremos trechos do livro em inglês, a saber *A Mercy* (2009).

como um tipo de irmandade entre mulheres, em que elas, sob todas as circunstâncias vividas num sistema patriarcal, estabelecem um vínculo que lhes permite criar uma aliança para ajudar uma à outra. Hudson-Weems (2004, p. 65) define irmandade como “um vínculo recíproco [...] em que cada um dá e recebe igualmente [...] demonstrando um tremendo senso de responsabilidade um pelo outro [...] Eles estão unidos emocionalmente”. No entanto, pode-se argumentar que, nos dois romances, a irmandade não é idealizada, mas problematizada. Embora o termo irmandade seja adotado para descrever os laços de amizade entre as personagens femininas aqui estudadas, não existe um tipo universal ou singular de irmandade. Cada vínculo é tratado como contexto específico.

Na esteira das pesquisas de Angela Davis, Clenora Hudson-Weems considera a condição tripla de raça, gênero e classe essencial para qualquer análise, seja literária, seja social. Hudson-Weems emprega o termo “Mulherismo Africana”<sup>6</sup> para denominar o que ela vê como um novo paradigma e trabalho teórico que foca principalmente raça e comunidade (HUDSON-WEEMS, 2004, p. 19-21). Outras autoras têm contribuído para essa complexa discussão recentemente, ao formular um debate sobre a crítica feminista negra e sobre Mulherismo Africana, em uma tentativa de compreender a estética e teorias críticas das mulheres negras. Vale notar que Alice Walker mencionou pela primeira vez o termo “mulherismo”<sup>7</sup> em uma longa epígrafe de seu livro *In Search of Our Mother's Gardens* [Em Busca dos Jardins de Nossas Mães] (1994). Ela lista quatro possíveis significados para o termo: “uma feminista negra ou feminista de cor [...] comprometida à sobrevivência e plenitude de todo o seu povo, homens ou mulheres. Não é uma separatista, exceto periodicamente, pela saúde” (WALKER, 1994, p. 21, tradução nossa).<sup>8</sup> O uso pioneiro de Walker do

---

<sup>6</sup> “Africana Womanism” (HUDSON-WEEMS, 2004)

<sup>7</sup> “womanist” (WALKER, 1994)

<sup>8</sup> “a black feminist or feminist of color [...] committed to survival and wholeness of entire people, male and female. Not a separatist, except periodically, for health” (WALKER, 1994, p. 11)

termo mulherismo contribuiu para o surgimento da discussão sobre as implicações de tal terminologia.

Hudson-Weems delinea que a teoria literária denominada Mulherismo Africana é uma “nova terminologia aliada a um novo paradigma, [o qual] expressa descontentamento com outras construções baseadas no feminino as quais não demonstraram claramente pautas voltadas às mulheres Africana, relacionadas à priorização da sua condição tripla” (HUDSON-WEEMS, 2004, p. 3, tradução nossa).<sup>9</sup> Os constituintes de identidade moldam não somente a obra de escritores, mas também como a obra é recebida pelo público e pela crítica. A autora acrescenta que “há muito é negado às pessoas Africana não só a autoridade de nomearem a si mesmas, mas, ainda mais, de definirem a si mesmas” (HUDSON-WEEMS, 2004, p. 18, tradução nossa).<sup>10</sup> Ela sugere que há necessidade de uma nova terminologia para analisar a literatura de mulheres negras; teoria esta que enfatiza constantemente a importância da raça e da classe na literatura e nos movimentos políticos de mulheres Africana. À luz dessa teorização, a análise dos romances *Sula* e *Compaixão* leva em consideração a posição-sujeito de Morrison como uma autora da diáspora negra, bem como de que modo seus romances auxiliam na subversão dos paradigmas tradicionais de classificação de mulheres, em especial de mulheres negras.

O romance *Sula* é ambientado entre 1920 e 1960 e traça a sororidade entre duas melhores amigas: Sula e Nel. Ambas são afro-americanas e, embora vivam na mesma comunidade, Bottom, elas são criadas em lares completamente diferentes. Nel é criada pela sua mãe, conservadora, Helene, afastada de sua avó

---

<sup>9</sup> “new terminology coupled with a new paradigm, [which] expressed discontent with other female-based constructs that had not clearly expressed an agenda for Africana women relative to the prioritizing of their triple plight” (HUDSON-WEEMS, 2004, p. 3)

<sup>10</sup> “Africana people have long been denied not only the authority of naming self, but, moreover, of defining self” (HUDSON-WEEMS, 2004, p. 18).

Rochelle. Sula, por sua vez, é criada pela mãe, pouco ortodoxa, Hannah, e por sua avó trabalhadora, Eva.

A narrativa começa com uma descrição feita por um narrador onisciente em terceira pessoa, da comunidade de Bottom [Baixada],<sup>11</sup> bairro nos subúrbios da cidade de Medallion, no estado de Ohio, habitado em sua maioria por afro-americanos e imigrantes irlandeses. É descrito como uma área que “ficava nas colinas acima do vale da cidade de Medallion e se estendia até o rio. Hoje é chamado como os subúrbios de Medallion, mas, quando as pessoas negras moravam lá, o bairro era chamado de Bottom” (MORRISON, 2004, p. 3, tradução nossa).<sup>12</sup> O terreno é doado primeiramente a um ex-escravo, que aceita a terra como recompensa pelo trabalho de toda a sua vida. O narrador descreve o acordo como “uma piada. Uma piada de preto” (MORRISON, 1973 *apud* FARINI, 2016, p. 20).<sup>13</sup> Uma piada porque o escravo é enganado, levado a acreditar que o vale era um terreno bom e que ficava no topo da colina, quando na verdade era uma terra empobrecida onde nada crescia e era muito afastada do centro da cidade. Mesmo assim, famílias negras subvertem essa marginalização ao se instalarem nessas terras e formam ali uma comunidade.

Em seguida, uma personagem chamada Shadrack é introduzida. Trata-se de um ex-soldado do exército dos Estados Unidos que volta da guerra

---

<sup>11</sup> Escolhemos usar o artigo *Traduzindo a comunidade afro-americana de Toni Morrison em Sula* (2016) de Ana Maria S. L. Farini como fonte de tradução para o romance *Sula*, já que este não tem uma tradução oficial publicada. O artigo de Farini traz uma tradução detalhada e comentada, visando principalmente aproximar a linguagem afro-americana em inglês do romance de Morrison às linguagens afro-brasileiras. A pesquisadora traduz Bottom como “Baixada”.

<sup>12</sup> Como dito anteriormente, usaremos como fonte de tradução para o romance *Sula* o artigo de Farini. Porém nem todos os trechos deste livro citados neste artigo estão traduzidos na dissertação de Farini. Portanto, alguns serão traduções nossas, usando os termos equivalentes encontrados no artigo de Farini. Escolhemos também em deixar o original em nota de rodapé, a saber: “stood in the hills above the valley town of Medallion and spread all the way to the river. It is called the suburbs now, but when black people lived there it was called the Bottom” (MORRISON, 2004, p. 3)

<sup>13</sup> “A joke. A nigger joke” (MORRISON, 2004, p. 4)

desorientado e se estabelece na comunidade, fundando um estranho feriado: o Dia Nacional do Suicídio. Embora uma discussão sobre a personagem em si esteja para além do escopo deste artigo, referências a Shadrack e ao mau presságio que envolve a área de Bottom estão presentes ao longo da narrativa. No terceiro capítulo, o narrador introduz Nel e sua mãe, Helene, que estão a caminho de Nova Orleans para o funeral da avó de Helene. É a partir desse ponto que o leitor é apresentado à amizade entre Nel e Sula.

Quanto à obra *A Mercy*, traduzida para a edição brasileira como *Compaixão*, a qual é utilizada neste artigo, se se pode falar em uma força invisível e inevitável que guia a narrativa, esta seria os laços criados entre as personagens femininas, em especial aqueles de sororidade. Mesmo que Wyatt Mason argumente em sua crítica que nessa obra de Toni Morrison o “centro gravitacional é o falecido Jacob Vaark” (MASON, 2009, p. 35, tradução nossa),<sup>14</sup> o romance na verdade apresenta as relações entre mulheres como o fio condutor não só entre algumas personagens, mas também como um tema importante durante toda a narrativa.

A trama se dá em 1680, durante os primeiros anos da colonização dos Estados Unidos da América e o início da institucionalização do regime de escravidão no país, e foca as relações entre quatro mulheres: Rebekka, a imigrante branca e europeia casada com Jacob; e as escravas que Jacob compra: Sorrow, uma garota africana que é a única sobrevivente de um navio de escravos; Lina, uma indígena americana cuja tribo foi exterminada; e Florens, uma garota afro-americana que é comprada quando ainda muito jovem. Este artigo destaca a personagem Rebekka e sua viagem através do Atlântico.

Seguindo a teorização de Angela Davis sobre a importância em considerar a “condição tripla” para compreender os diferentes tipos de opressão e marginalização, este estudo considera raça, gênero e classe como

---

<sup>14</sup> “gravitational center is dead Jacob Vaark,” (MASON, 2009, p. 35)

conceitos intrinsicamente interligados. Nesse sentido, embora a personagem Rebekka seja privilegiada por sua raça, ela é marginalizada por seu gênero e sua classe. Essas “múltiplas posições-sujeito” e esses “constituintes de identidade”, como são referidos por Susan Friedman (1998, p. 21-34), são considerados nesta análise como impulsionadores dos vínculos de sororidade que as personagens femininas vão estabelecendo ao longo da viagem.

Em *Sula e Compaixão*, Toni Morrison lança luz sobre a sororidade, com personagens femininas que cuidam umas das outras e, conseqüentemente, de si mesmas. Tais vínculos entre mulheres não são romantizados ou idealizados. Diferentes tipos de sororidade podem ser observados nas tramas: alguns vínculos são mais intensos e duradouros enquanto outros são menos intensos e temporários. Em *Sula*, Nel e Sula são jovens meninas negras que moram na comunidade de Bottom e contam uma com a outra para superar as dificuldades de sua infância. O vínculo entre elas é intenso e poderoso, e elas são tão próximas que muitas vezes uma se torna exatamente a outra. Como consequência, a sororidade afeta diretamente suas subjetividades. As personagens femininas em ambos os romances tornam-se lentamente cientes de si mesmas e de suas identidades através da sororidade.

O termo subjetividade, tal como adotado neste artigo, é baseado nos apontamentos de Donald Hall: “que a subjetividade implica um grau de reflexão e autoconsciência sobre identidade” (HALL, 2004, p. 3, tradução nossa).<sup>15</sup> A subjetividade também implica um conceito mais flexível. Nesse sentido, o termo é apropriado para delinear um sentido flexível de si e, ao mesmo tempo, uma consciência da própria identidade.

Em *Compaixão*, um diferente tipo de sororidade é formado no lugar mais improvável. Rebekka é uma imigrante europeia branca que deixa sua cidade,

---

<sup>15</sup> “that subjectivity implies a degree of thought and self-consciousness about identity” (HALL, 2004, p. 3)

Londres, rumo aos Estados Unidos, para se casar com Jacob. Sua família é pobre e seus pais ficam felizes em mandá-la embora e em receber um dote de seu casamento arranjado. Quando Rebekka está a bordo, cruzando o Atlântico, ela tem de conviver com diferentes mulheres subjugadas às condições horríveis no navio. E é em razão disso que elas passam a criar um ambiente agradável, juntando-se e partilhando suas experiências. O vínculo entre elas é breve e, mesmo não sendo melhores amigas, a aliança que estabelecem entre si é muito importante para cada uma. A sororidade, forjada no mais improvável dos lugares entre mulheres de origens desconhecidas, ajuda Rebekka a moldar positivamente sua subjetividade, dando-lhe coragem para encarar o Novo Mundo e o futuro marido.

Discutindo o papel convencional de personagens femininas em diversos romances do século XX, Elizabeth Abel argumenta que no “uso romancista tradicional da amizade feminina [...] a relação da protagonista com suas amigas é menos significativa do que as opções muito esquemáticas que essas amigas muitas vezes representam” (ABEL, 2010, p. 414, tradução nossa).<sup>16</sup> Ao contrário dessa tradição, que foca uma protagonista, as obras de Morrison aqui estudadas enfatizam as interações entre amigas mulheres, “ao invés da função estática de personagens secundárias emblemáticas” (ABEL, 2010, p. 414, tradução nossa).<sup>17</sup> Em *Sula*, tanto Nel quanto Sula têm o papel principal e em *Compaixão*, embora Florens seja a narradora de alguns capítulos, Rebekka também é desenvolvida de forma complexa e tem um papel relevante na narrativa.

Judith Gardiner (2010) discute a amizade retratada na obra *Sula* de Morrison, e Ruth Jhabvala (1975) argumenta que os vínculos femininos são baseados na uniformidade e complementaridade. A comparação feita entre *Sula*

<sup>16</sup> “traditional novelistic use of female friendship . . . the protagonist’s relation to her friends is less significant than the rather schematic options these friends often represent” (ABEL, 2010, p. 414)

<sup>17</sup> “rather than the static function of emblematic secondary characters” (ABEL, 2010, p. 414)

e *Compaixão* está de acordo com os termos de interconexão de Gardiner. Nesses romances, a sororidade adquire formas complexas, indo além das distinções binárias. Ela é vista como um tipo de vínculo que permite às personagens femininas criar uma aliança para se ajudarem mutuamente.

De forma similar, Hudson-Weems define sororidade como “um [vínculo] recíproco [...] no qual cada uma dá e recebe igualmente [...] demonstrando um enorme senso de responsabilidade uma pela outra [...]. Elas estão unidas emocionalmente” (HUDSON-WEEMS, 2004, p. 65, tradução nossa).<sup>18</sup> Os aspectos positivos de um alinhamento entre personagens femininas estão presentes no desenrolar de ambos os romances; mesmo assim, a sororidade não é idealizada neste estudo, mas sim problematizada. Embora o termo sororidade seja usado para descrever vínculos de amizade entre mulheres, não há um protótipo ideal para essa relação. Cada vínculo é tratado como específico de seu contexto.

A sororidade geralmente se concentra nas “vidas e experiências de mulheres negras, uma espécie de ‘egoísmo’ necessário ao imperativo social dessas mulheres para que sejam altruístas” (QUASHIE, 2009, p. 188, tradução nossa).<sup>19</sup> Essa espécie de egoísmo permite que mulheres encontrem seu próprio valor porque a “identificação gerada por esse amor é poderosa e autorreflexiva, não narcisista” (QUASHIE, 2009, p. 196, tradução nossa).<sup>20</sup> Assim, a sororidade ajuda mulheres a se tornarem conscientes de suas necessidades pessoais, uma vez que elas encontram espaço para olhar para dentro de si e focar a si mesmas enquanto cuidam umas das outras.

---

<sup>18</sup> “a reciprocal [bond] [...] in which each gives and receives equally [...] demonstrating a tremendous sense of responsibility for each other [...] They are joined emotionally” (HUDSON-WEEMS, 2004, p. 65)

<sup>19</sup> “lives and experiences of Black women, a kind of ‘selfishness’ necessitated by the social imperative for Black women to be selfless” (QUASHIE, 2009, p. 188)

<sup>20</sup> “identification that generates from this love is powerful and self-reflexive, though not narcissistic” (QUASHIE, 2009, p. 196)

Quando o vínculo é intenso, as mulheres parecem dissolver-se umas nas outras, estando tão próximas que se tornam interconectadas. Como Abel explica, as “razões para essa fusão psíquica deriva inicialmente da natureza de relações íntimas” (ABEL, 2010, p. 422, tradução nossa).<sup>21</sup> Os vínculos femininos permitem às mulheres desenvolver uma espécie de “eu” volátil enquanto experimentam umas com as outras e, conseqüentemente, consigo mesmas. Através da sororidade, as mulheres podem se tornar tão próximas que, como argumenta Kevin Quashie, “a amiga, a outra [...] é tão parecida com o ‘eu’ que as fronteiras que as separam se tornam fluidas, às vezes deixando de existir” (QUASHIE, 2009, p. 192, tradução nossa).<sup>22</sup> Central para a opressão das mulheres negras está a “dialética fenomenal entre ‘eu’ e a outra, a oscilação que se torna um processo de identificação centrado na mulher negra” (QUASHIE, 2009, p. 197, tradução nossa).<sup>23</sup> Nesse sentido, a sororidade provê às mulheres, especialmente às mulheres negras, os meios para experimentarem a si mesmas à medida que se descobrem umas às outras. A conexão íntima e fluida entre mulheres as ajuda a enxergar sua beleza e valor próprio, já que elas são capazes de se projetar na outra e, dessa forma, são capazes de entender seu valor pessoal. A sororidade cria para as mulheres negras a possibilidade de desenvolver suas subjetividades, alinhando-as com as suas amigas.

Nesse sentido, em *Sula*, nota-se que a sororidade entre Nel e Sula oferece uma “rara oportunidade à mulher negra de ser egoísta” (QUASHIE, 2009, p. 190, tradução nossa).<sup>24</sup> É comum mulheres negras retratadas na ficção se preocupando com os outros, de maneira servil até, negligenciando suas próprias necessidades, mas em Morrison, por meio da sororidade, as

<sup>21</sup> “reasons for this psychic fusion initially derive from the nature of intimate relationships” (ABEL, 2010, p. 422)

<sup>22</sup> “the girlfriend, the other . . . is so much the self that the boundaries between the two become fluid and sometimes collapse” (QUASHIE, 2009, p. 192)

<sup>23</sup> “phenomenal dialectic between self and other, the oscillation that becomes a process of black woman-centered identification” (QUASHIE, 2009, p. 197)

<sup>24</sup> “rare opportunity for that black woman to be selfish” (QUASHIE, 2009, p. 190).

personagens femininas negras têm a chance de pensar em si mesmas. Esse egoísmo contribui de diferentes formas para o crescimento das garotas, pois elas são capazes de cuidar e pensar sobre si mesmas ao cuidarem uma da outra. Ambas se amam e conseqüentemente são capazes de ter amor-próprio, como projetam na outra sua própria imagem.

Nel e Sula são tão íntimas que a distinção entre “uma” e “outra” torna-se difusa. Duas garotas negras de 12 anos de idade, para elas “um elogio a uma era um elogio à outra, e a crueldade para com uma era um desafio para a outra” (MORRISON, 2004, p. 83, tradução nossa).<sup>25</sup> Ambas se ofendem e se admiram como se fossem um só ser, e não indivíduos separados. O narrador retrata a sororidade entre elas por meio de imagens vívidas, como quando descreve as duas garotas cavando buracos no chão “até que os dois buracos se transformaram em um só” (MORRISON, 1973 *apud* FARINI, 2016, p. 93).<sup>26</sup> Elas cavam em conjunto até que os buracos se transformam em uma unidade inseparável, mostrando metaforicamente como estão conectadas. Como dois buracos se transformando em um, a sororidade delas é tão intensa que elas estão conectadas ao ponto que se tornam parte uma da outra. Elas refletem as mesmas crenças e com um vislumbre sabem o que a outra está pensando. São tão parecidas que pode ser difícil distingui-las: “elas mesmas tinham dificuldade em distinguir seus pensamentos” (MORRISON, 2004, p. 83, tradução nossa).<sup>27</sup> Elas agiam da mesma forma, e uma podia até mesmo “entrar” no pensamento da amiga. Mesmo que figurativamente, elas se tornavam parte da consciência e dos sentimentos mais íntimos uma da outra. Sula lembra que “elas eram duas vozes e um só olho e nós não tínhamos um preço” (MORRISON, 2004, p. 147,

---

<sup>25</sup> “a compliment to one was a compliment to the other, and cruelty to one was a challenge to the other” (MORRISON, 2004, p. 83).

<sup>26</sup> “until the two holes were one and the same” (MORRISON, 2004, p. 58)

<sup>27</sup> “they themselves had difficulty distinguishing one’s thoughts from the other’s” (MORRISON, 2004, p. 83)

tradução nossa).<sup>28</sup> Essa imagem nos mostra que, embora cada uma tivesse seu corpo, sua boca para absorver o mundo externo, elas compartilhavam um “olho” ou, mais claramente, uma única forma de ver e perceber as coisas, ilustrando o alinhamento entre elas em pensamento e em perspectiva de mundo.

Barbara Smith destaca a “inestimável [valorização de si] que elas alcançam quando se recusam a se vender para aprovação masculina, o valor total que só conseguem encontrar nos olhos uma da outra” (SMITH, 1994, p. 422, tradução nossa)<sup>29</sup>. Com a sororidade, nenhuma atenção ou aprovação masculina é necessária. O narrador afirma: “No porto seguro da companhia uma da outra davam-se ao luxo de abandonar a maneira como as pessoas agiam na vida e se concentravam em suas próprias percepções” (MORRISON, 1973 *apud* FARINI, 2016, p. 87-88).<sup>30</sup> Cada garota é uma fonte de conforto para a outra e por meio da sororidade elas cuidam delas e de si mesmas. Juntas, as garotas se sentem à vontade e livres para explorar qualquer coisa que lhes chame a atenção.

Nesse sentido, a sororidade cria uma interconexão positiva entre Sula e Nel, pois as garotas têm a liberdade de se juntarem para desenvolver suas subjetividades. Ao analisar o romance, Abel afirma que “a natureza da identidade em si é problemática. O ‘eu’ em *Sula* é aberto igualmente para a fragmentação como para a expansão” (ABEL, 2010, p. 426, tradução nossa).<sup>31</sup> Nel e Sula não têm uma identidade estática, ao contrário, elas têm subjetividades flexíveis, moldadas positivamente pela sororidade entre si. Elas criam outra dimensão na qual são capazes de interagir livremente uma com o

<sup>28</sup> “they were two throats and one eye and we had no price” (MORRISON, 2004, p. 147)

<sup>29</sup> “pricelessness they achieve in refusing to sell themselves for male approval, the total worth that they can only find in each other’s eyes” (SMITH, 1994, p. 422)

<sup>30</sup> “In the safe harbor of each other’s company they could afford to abandon the ways of other people and concentrate on their own perception of things” (MORRISON, 2004, p. 55)

<sup>31</sup> “the nature of identity itself is problematic. The self in *Sula* is equally open to fragmentation or expansion” (ABEL, 2010, p. 426)

“eu interior” da outra. As garotas, “ao descobrirem, alguns anos antes, que não eram nem brancas nem homens, e que a liberdade e o sucesso lhes eram proibidos, resolveram criar algo diferente que as definisse” (MORRISON, 1973 *apud* FARINI, 2016, p. 80).<sup>32</sup> Elas se identificam com a luta uma da outra e se unem. Embora tenham diferentes experiências por crescerem em lares completamente distintos, elas transcendem suas diferenças e tornam-se uma extensão da outra, enquanto, ao mesmo tempo, moldam suas próprias subjetividades. A sororidade as une na mesma medida que as auxilia de formas diferentes.

Com Sula, Nel se torna mais confiante e é capaz de redefinir sua subjetividade mais positivamente, aceitando e amando a si mesma, recusando o papel que sua mãe insistia que ela desempenhasse. O narrador enfatiza a submissão de Nel ao dizer que “seus pais conseguiram reduzir a um brilho tedioso qualquer faísca ou ânsia que ela tinha” (MORRISON, 2004, p. 83, tradução nossa).<sup>33</sup> Ela é criada sob regras muito rígidas e não tem liberdade nem espaço para ser espontânea. A única exceção é “uma ocasional posição de liderança com Sula [...] somente com Sula tinha soltado as rédeas” (MORRISON, 1973 *apud* FARINI, 2016, p. 35).<sup>34</sup> O narrador em terceira pessoa ilustra que a sororidade ajuda Nel a adquirir confiança para exercer uma liderança e assim moldar positivamente sua subjetividade.

Nel sofre abuso psicológico porque sua aparência negra incomoda sua mãe constantemente. A mãe está determinada em corrigir o nariz largo da filha e diz repetidas vezes a ela para “puxar o nariz” (MORRISON, 1973 *apud* FARINI,

---

<sup>32</sup> “discovered years before that they were neither white nor male, and that all freedom and triumph was forbidden to them, had set about creating something else to be” (MORRISON, 2004, p. 52)

<sup>33</sup> “her parents had succeeded in rubbing down to a dull glow any sparkle or splutter she had” (MORRISON, 2004, p. 83)

<sup>34</sup> “an occasional leadership role with Sula . . . Only with Sula did that quality have free reign” (MORRISON, 2004, p. 83)

2016, p. 88),<sup>35</sup> na esperança de que isso “endireitasse” o nariz da menina, numa tentativa de livrá-la desse traço negro em particular. Somente depois que Nel conhece Sula, ela passa a gostar de seu nariz e deixa mostrar sua aparência negra, desafiando o desejo da mãe de remodelá-la. Nel assume uma posição transgressora ao se recusar a usar o pegador de roupas para afinar o nariz: “Depois que Nel conheceu Sula, ela passou a enfiar o pegador de roupa embaixo do lençol assim que ia para a cama” (MORRISON, 1973 *apud* FARINI, 2016, p. 88)<sup>36</sup>. Seu vínculo com Sula a torna mais forte e assim ela é capaz de desafiar as regras de sua mãe. Nel passa a gostar de sua aparência e aceitar quem é, pois sua “amizade é livre das compulsões que restringem ou desconsideram o ‘eu’” (ABEL, 2010, p. 428, tradução nossa).<sup>37</sup> A sororidade permite a Nel enxergar sua beleza como uma garota negra. Ela também passa a questionar a necessidade de ter cabelos lisos. Embora consiga esconder o pegador de roupas, Nel não é capaz de fugir do ritual para alisar os cabelos: “ainda ter que se submeter às torturas do ferro quente em seus cabelos, durante as tardes de sábado” (MORRISON, 1973 *apud* FARINI, 2016, p. 88)<sup>38</sup>. Apesar disso, agora ela não está mais preocupada em mudar seu cabelo porque os resultados do ferro quente “não mais lhe interessavam” (MORRISON, 1973 *apud* FARINI, 2016, p. 88).<sup>39</sup> Depois de conhecer e se aproximar de Sula, Nel descobre a si mesma como uma garota naturalmente bela e não tem mais o desejo de mudar suas características físicas, aceitando sua beleza negra.

Para Sula, por sua vez, a sororidade é uma oportunidade de se sentir importante e amada, já que Nel a admira. Sula, “de quem, dificilmente, podia-se

<sup>35</sup> “pull her nose” (MORRISON, 2004, p. 55)

<sup>36</sup> “After she met Sula, Nel slid the clothespin under the blanket as soon as she got in the bed” (MORRISON, 2004, p. 55)

<sup>37</sup> “friendship is free from the compulsions that restrict or disregard the self” (ABEL, 2010, p. 428)

<sup>38</sup> “there was still the hateful hot comb to suffer through each Saturday evening” (MORRISON, 2004, p. 55).

<sup>39</sup> “no longer interested her” (55)

esperar um afeto que durasse mais de três minutos” (MORRISON, 1973 *apud* FARINI, 2016, p. 82),<sup>40</sup> aprende a ser mais consistente e cuidadosa a partir da amizade com Nel. Toda vez que Sula está chateada com sua mãe, Hannah, ou com sua avó Eva, Nel parece estar por perto. Quando Sula ouve Hannah comentando com amigos sobre não gostar da filha, ela corre desesperadamente para o quarto, mas Nel, esperando lá embaixo, diz a ela para voltar: “o chamado de Nel entrou flutuando pela janela, afastando-a dos pensamentos tenebrosos e trazendo-a de volta à calorosa e brilhante luz do dia” (MORRISON, 1973 *apud* FARINI, 2016, p. 91-92).<sup>41</sup> Nesse caso, a sororidade entre elas conforta Sula e permite que ela esqueça sua experiência ruim. Metaforicamente, Nel é um raio de sol na existência tortuosa de Sula.

Ademais, Sula tem um temperamento forte e tenta desafiar autoridades imponentes. A sororidade entre Nel e Sula torna esta última ainda mais empoderada, afirmando sua bravura em diferentes ocasiões. Por exemplo, todos os dias, no caminho de volta da escola, Nel toma uma rota mais longa para evitar os garotos irlandeses que costumavam assediar garotas negras. Um dia, no caminho de volta para casa, Sula convence a amiga a pegar o caminho mais curto, mesmo que elas tenham de enfrentar os garotos assediadores. Sentindo-se segura por causa da presença de Nel, Sula é capaz de espantá-los:

Segurando a faca com a mão direita, puxou a lousa para si mesma e apertou, com força, a ponta do dedo indicador esquerdo, bem em seu gume. Seu gesto foi resoluto, mas impreciso. Cortou apenas a ponta de seu dedo. Os quatro rapazes olharam boquiabertos para a ferida e para o pedaço de carne, [...] Sula levantou os olhos na direção deles. Sua voz era calma. – Se eu consigo fazer isso comigo mesma, o que

---

<sup>40</sup> “who could hardly be counted on to sustain any emotion for more than three minutes” (MORRISON, 2004, p. 53)

<sup>41</sup> “Nel’s call floated up and into the window, pulling her away from dark thoughts back into the bright, hot daylight” (MORRISON, 2004, p. 57)

vocês acham que eu vou fazer com vocês? (MORRISON, 1973 *apud* FARINI, 2016, p. 86-87).<sup>42</sup>

Mesmo que Sula tenha se cortado acidentalmente, ela subverte sua ação em uma ilustração de sua valentia. Ela vira a situação a seu favor e continua determinada em enfrentar seus agressores.

Ambas as garotas são afetadas profundamente pelo vínculo de sororidade entre si, mas de formas diferentes: “a preservação de Sula permite que Nel ilumine as fronteiras entre ela e sua mãe; em troca, a atenção de Nel aos detalhes e sua calma consistência permitem que os limites rígidos de Sula tornem-se mais fluidos” (GILLESPIE; KUBITSCHEK, 2009, p. 41, tradução nossa).<sup>43</sup> Nel torna-se mais confiante e ousa desafiar a autoridade da mãe, enquanto Sula torna-se mais centrada e segura de si. Ambas moldam positivamente seu “eu” e lutam em busca de empoderamento.

Alguns críticos argumentam que a sororidade entre Nel e Sula é também marcada por relações sexuais. Smith afirma que *Sula* “funciona como um romance lésbico não somente por causa da amizade fervorosa [...], mas também devido à postura consistentemente crítica de Morrison em relação às instituições heterossexuais, que pregam as relações masculino-feminino, o casamento e a família (SMITH, 1994, p. 417-418, tradução nossa).<sup>44</sup> É possível que as garotas tenham um contato sexual, já que ambas estão descobrindo seus

<sup>42</sup> “Holding the knife in her right hand, she pulled the slate toward her and pressed her left forefinger down hard on its edge. Her aim was determined but inaccurate. She slashed off only the tip of her finger. The four boys stared open-mouthed at the wound and the scrap of flesh, [...] Sula raised her eyes to them. Her voice was quiet. ‘If I can do that to myself, what you suppose I’ll do to you?’ (MORRISON, 2004, p. 54-55).

<sup>43</sup> “Sula’s preservation of herself allows Nel to limn boundaries between herself and her mother; in turn, Nel’s attention to details of connection and her calm consistency allow Sula’s rigid boundaries to become more fluid” (GILLESPIE and KUBITSCHEK, 2009, p. 41)

<sup>44</sup> “works as a lesbian novel not only because of the passionate friendship . . . but because of Morrison’s consistently critical stance toward the heterosexual institutions of male-female relationships, marriage, and the family” (SMITH, 1994, p. 417-18)

corpos. A cena na qual Nel e Sula são descritas enquanto cavam um buraco juntas sugere um certo envolvimento sexual. Na voz em terceira pessoa do narrador onisciente: “Deitaram na grama, as testas quase se tocando, [...] Sula recostou a cabeça no braço enquanto uma das tranças se desfez e enrolou-se no pulso dela [...] Sob seus vestidos, a pele se retesava e tremia de frio” (MORRISON, 1973 *apud* FARINI, 2016, p. 92-93)<sup>45</sup>. As garotas estão deitadas juntas e elas lentamente se tocam, enquanto Sula repousa nos braços de Nel:

Em harmonia, sem se entreolharem, atiravam as folhas para cima e para baixo, para cima e para baixo. Nel encontrou um galho grosso e começou a retirar a casca, [...] até que, desvestido, ele ficou liso e suave como a inocência. Sula também encontrou ao seu redor um galho. Quando os galhos já estavam descascados foi a vez de Nel passar para a próxima fase. Ela começou a arrancar a grama para fazer um buraco vazio na terra. (MORRISON, tradução de FARINI, 2016, p. 93).<sup>46</sup>

Esse movimento repetitivo somado às referências à nudez dos galhos e à identificação natural entre as garotas podem sugerir que elas estavam descobrindo sexualmente os seus corpos. Nel e Sula nem precisam trocar sequer uma palavra ou se entreolhar para entender o que estão fazendo, pois elas estão tão intrinsicamente ligadas que suas ações se tornam uma só. Uma referência é feita sobre certa frieza que elas sentem, sugerindo que estão experimentando uma sensação nova. As duas entram em total sintonia.

Hudson-Weems descreve sororidade como “um relacionamento assexual entre mulheres que confiam umas nas outras” (HUDSON-WEEMS,

---

<sup>45</sup> “they lay in the grass, their foreheads almost touching [...] Sula’s head rested on her arm, an undone braid coiled around her wrist [...] Underneath their dresses flesh tightened and shivered in the high coolness” (MORRISON, 2004, p. 58)

<sup>46</sup> “In concert, without ever meeting each other’s eyes, they stroked the blades [of a twig] up and down, up and down. Nel found a thick twig and [...] pulled away its bark until it was stripped to a smooth, creamy innocence. Sula looked about and found one too. When both twigs were undressed Nel moved easily to the next stage and began rearing up rooted grass to make a bare spot of earth.” (MORRISON, 2004, p. 58)

2004, p. 66, tradução nossa).<sup>47</sup> Entretanto, parece que a possível interação sexual entre Nel e Sula não compromete o vínculo entre elas, ao contrário, parece fortalecê-lo, uma vez que assumem o controle de suas sexualidades. Podemos argumentar que a sororidade também lhes permite descobrir seus corpos experimentando e tocando uma à outra. Seus corpos parecem desconhecer limites. Em *Sula* a sororidade é fonte de empoderamento devido à “escolha do sujeito de ser solidária, uma escolha que revela seu nível de comprometimento” (QUASHIE, 2009, p. 195, tradução nossa).<sup>48</sup> Ao escolherem ficar juntas, as personagens tornam-se mais fortes. O vínculo entre Nel e Sula ajuda-as a encontrar seu lugar como garotas negras em uma sociedade sexista e racista. Por meio da sororidade, elas se conscientizam de que terão de “lutar para amar a si mesmas” (QUASHIE, 2009, p. 196, tradução nossa),<sup>49</sup> já que não costumam ser encorajadas a se aceitar, muito menos a cuidar de si mesmas. Dessa forma, a sororidade nesse romance de Morrison dá às personagens femininas a oportunidade de compreender e desenvolver suas subjetividades de forma positiva ao se identificarem umas com as outras e, assim, buscarem um empoderamento.

Em *Compaixão*, por sua vez, os vínculos femininos forjados entre as personagens ajudam-nas a sobreviver em uma sociedade patriarcal e escravocrata. A viagem de Rebekka através do Atlântico não é fácil: ela está a caminho de um continente que lhe é estranho, para se casar com um homem que nunca viu. Mesmo que improvável, as amigas que ela faz no navio transformam o evento traumático em uma experiência positiva de aprendizado sobre como cuidar de si mesma e das outras mulheres. A sororidade, nesse

<sup>47</sup> “an asexual relationship between women who confide in each other” (HUDSON-WEEMS, 2004, p. 66)

<sup>48</sup> “the subject’s choice to be in solidarity, a choice that reveals a level of agency” (QUASHIE, 2009, p. 195)

<sup>49</sup> “fight to love [them]selves” (QUASHIE, 2009, p. 196)

sentido, auxilia Rebekka a se tornar confiante para enfrentar o futuro marido, Jacob, e a nova vida em um ambiente hostil.

A bordo do navio *Angelus*, há sete mulheres que, assim como Rebekka, são as últimas a embarcar no navio devido à classe inferior de baixa renda à qual pertenciam. Desde o início, enquanto os passageiros estão embarcando no navio, há um tratamento diferenciado em relação a gênero, raça e classe. Rebekka nota: “assim que elas foram segregadas dos homens e das mulheres de melhor classe e levadas para um lugar escuro ao lado das baias dos animais” (MORRISON, 2019, p. 1402).<sup>50</sup> Ela é separada dos homens por ser mulher e, por ser pobre, ela também é separada das mulheres mais ricas a bordo. As mulheres de classe baixa devem se ajeitar e se apertar em um espaço muito pequeno onde “Qualquer um com mais de um metro e meio tinha de se curvar e baixar a cabeça para andar” (MORRISON, 2019, p. 1402)<sup>51</sup>. Essas mulheres são forçadas a passar a viagem pelo Atlântico nas piores condições. Mesmo que Rebekka tenha o privilégio de ser branca, ela ainda está confinada pelo que Susan Friedman chama de “outros constituintes de identidade” (1998, p. 5, tradução nossa),<sup>52</sup> como gênero e classe.

Cada mulher naquela parte inferior do navio tem uma história distinta para contar:

Uma, Anne, tinha sido expulsa em desgraça por sua família. Duas, Judith e Lydia, eram prostitutas que tiveram de escolher entre a prisão ou o exílio. Lydia estava acompanhada por sua filha, Patty [...]. Elizabeth era filha, ou pelo menos dizia que era, de um importante agente da Companhia [...] Dorothea era uma ladra de bolsas com

---

<sup>50</sup> “soon as they were separated from males and the better-classed women and led to a dark space below next to the animal stalls” (MORRISON, 2009, p. 81)

<sup>51</sup> “[a]nyone taller than five feet hunched and lowered her head to move around” (MORRISON, 2009, p. 81)

<sup>52</sup> “other constituents of identity” (FRIEDMAN, 1998, p. 5)

sentença igual à das prostitutas. Apenas Rebekka, com a passagem pré-paga, ia se casar. (MORRISON, 2019, p. 1409).<sup>53</sup>

Apesar de seus passados particulares, essas personagens femininas interagem umas com as outras e “Juntas elas tornavam a viagem mais leve; deixavam-na menos hedionda do que certamente teria sido sem elas” (MORRISON, 2019, p. 1416).<sup>54</sup> Conseguem transformar a experiência dentro do pequeno espaço escuro em uma interação positiva entre si. Elas começam a falar sobre suas vidas e ficam curiosas para aprender um pouco mais sobre as outras. Brincam, jogam e fazem truques, como Dorothea, que “tirou um sapato e mexeu os dedos através de um buraco da meia. Em seguida, puxando com cuidado, dobrou a lã esgarçada para baixo dos dedos. Calçou de novo o sapato, sorriu para Anne” (MORRISON, 2019, p. 1431)<sup>55</sup>. Dorothea pergunta a Anne: “Foi por comportamento que sua família jogou você no mar?” (MORRISON, 2019, p. 1431).<sup>56</sup> Anne responde desconfortável: “Vou visitar meu tio e minha tia” (MORRISON, 2019, p. 1431).<sup>57</sup> Lydia também caçoa de Anne, que responde gritando “Vacas!” (MORRISON, 2019, p. 1431).<sup>58</sup> Com esse comentário, todas as mulheres, incluindo Anne, começam a rir. Dorothea e Lydia não têm a intenção de ofender Anne, querem provocá-la um pouco por causa de sua postura conservadora. As mulheres se tornam mais próximas enquanto conversam, fazendo piadas, e lentamente começam a compreender uma à outra, tornando a

<sup>53</sup> " One, Anne, had been sent away in disgrace by her family. Two, Judith and Lydia, were prostitutes ordered to choose between prison or exile. Lydia was accompanied by her daughter, Patty [...] Elizabeth was the daughter, or so she said, of an important Company agent [...] Dorothea, was a cutpurse whose sentence was the same as the prostitutes. Rebekka, alone, her passage prepaid, was to be married." (MORRISON, 2009, p. 82)

<sup>54</sup> “[t]ogether they lightened the journey; made it less hideous than it surely would have been without them” (MORRISON, 2009, p. 82)

<sup>55</sup> “removed a shoe and wiggled her toes [...] Then [...] she folded the frayed wool under her toes. Replacing the shoe, she smiled at Anne” (MORRISON, 2009, p. 83)

<sup>56</sup> “Is behavior the reason your family put you to sea?” (MORRISON, 2009, p. 83)

<sup>57</sup> “I’m visiting my uncle and aunt.” (MORRISON, 2009, p. 83)

<sup>58</sup> “Cows!” (MORRISON, 2009, p. 83)

viagem mais suportável e transformando-a em uma experiência enriquecedora de sororidade.

Comida é outro elemento que aproxima ainda mais essas personagens durante a viagem. Rebekka diz ter um pouco de queijo e biscoitos, e as outras mulheres respondem “ah, linda. Vamos tomar chá” (MORRISON, 2019, p. 1451).<sup>59</sup> Cada uma contribui com alguma coisa: “Judith estendeu o xale na tampa de uma caixa. Elizabeth tirou de seu baú uma chaleira e um conjunto de colheres [...] Lydia esquentou água na chaleira em cima do lampião [...] tanto Judith como Dorothea tinham rum escondido em suas sacolas” (MORRISON, 2019, p. 1451).<sup>60</sup> Juntas, elas criam um ambiente de solidariedade ao dividir a comida que tinham para fazer um “chá da tarde de boas-vindas”. A comida, nesse caso, representa não só a nutrição corporal, mas também o cuidado emocional. Inconscientemente, elas “começaram a imitar o que achavam ser maneiras de rainha” (MORRISON, 2019, p. 1451)<sup>61</sup> e Rebekka se lembra mais tarde como cada uma delas, “inclusive a menina de dez anos, levantava o dedinho curvo para fora” (MORRISON, 2019, p. 1458).<sup>62</sup> O alinhamento criado entre elas faz com que queiram se comportar de forma respeitosa, mostrando bondade e solidariedade umas para com as outras.

Durante aqueles dias no navio “miserável como era o espaço em que se apertavam, ainda assim era um vazio onde o passado não assombrava nem o futuro atraía. Mulheres de e para homens, naqueles poucos momentos não foram nem uma coisa nem outra” (MORRISON, 2019, p. 1458).<sup>63</sup> Sozinhas no

---

<sup>59</sup> “aw, lovely. Let’s have tea” (MORRISON, 2009, p. 84)

<sup>60</sup> “Judith spread her shawl on the lid of a box. Elizabeth retrieved from her trunk a kettle and a set of spoons [...] Lydia heated the water in the kettle over the lamp [...] both Judith and Dorothea had rum hidden in their sacks” (MORRISON, 2009, p. 85)

<sup>61</sup> “began to imitate what they thought were the manners of queens” (MORRISON, 2009, p. 84)

<sup>62</sup> “each of them, including the ten-year-old, lifted her little finger and angled it out” (MORRISON, 2009, p. 85)

<sup>63</sup> “[w]retched as was the space they crouched in, it was nevertheless black where a past did not haunt nor a future beckon. Women of and for men, in those few moments they were neither” (MORRISON, 2009, p. 85)

navio, sem a vigia e frequente opressão masculina, as mulheres estavam livres para serem elas mesmas, para compartilhar seus pensamentos e experiências, esquecer-se das vicissitudes que as aguardavam nos seus respectivos destinos. Por meio da sororidade, essas mulheres sentiam-se pertencentes, já que tinham como contar umas com as outras e, por reconhecer a importância da outra, percebiam seu próprio valor.

As mulheres que compartilhavam aquele espaço do navio com Rebekka a ajudaram imensamente: “A sabedoria de taverna, o *know-how* delas entremeando com uma baixa expectativa em relação aos outros e um elevado nível de autoaprovação, seu riso rápido divertiram e encorajaram Rebekka” (MORRISON, 2019, p. 1417).<sup>64</sup> Seus modos e ações extrovertidas permitiam a Rebekka ter confiança em si mesma: “Se temia por sua vulnerabilidade feminina, viajando sozinha a um país estrangeiro para se casar com um estranho, aquelas mulheres compensaram esses temores” (MORRISON, 2019, p. 1417).<sup>65</sup> Rebekka se torna confiante e descobre o amor-próprio, adquirindo a coragem para encarar seu marido desconhecido e para sobreviver no Novo Mundo. As personagens femininas criam empatia entre si, ajudando umas às outras a sobreviver com carinho e respeito. Mesmo que temporária, a sororidade cria confiança entre elas, seja pelo ato de contar piadas, seja por partilharem suas comidas e experiências, seja por criarem um ambiente agradável através da aliança que estabelecem. E esse espaço no qual elas cuidam de si mesmas ao cuidar umas das outras enquanto desfrutam de suas liberdades momentâneas, irônica e metaforicamente, é o lugar mais sombrio e apertado do navio.

---

<sup>64</sup> “[t]heir alehouse wit, their know-how laced with their low expectations of others and high levels of self-approval, their quick laughter, amused and encouraged Rebekka” (MORRISON, 2009, p. 82)

<sup>65</sup> “If she had feared her own female vulnerability, traveling alone to a foreign country to wed a stranger, these women corrected her misgivings” (MORRISON, 2009, p. 82)

Ao chegar aos Estados Unidos, Rebekka conhece o futuro marido, Jacob. Eles se casam rapidamente e já partem para a fazenda dele, onde a personagem conhece Lina, uma mulher que parece já dominar toda a fazenda e seus afazeres. Na Inglaterra, Rebekka não tinha dinheiro, passava fome com sua família e desconhecia a escravidão. Primeiramente, Rebekka estranha a Lina porque esta sabe tudo e muito mais que ela, mas logo as duas se aproximam e desenvolvem laço de sororidade. Segundo Audre Lorde (2007, p. 189), “existe uma pretensão de homogeneidade de experiência coberta pela palavra sororidade que de fato não existe”. A ideia de uma irmandade romântica é refutada neste artigo, sendo vista como interações complexas entre um grupo heterogêneo de personagens femininas. Parte-se do pressuposto de que a sororidade entre mulheres não é delimitada por raça, mas inclui mulheres de diferentes raças e etnias, uma vez que várias mulheres em diferentes contextos estão sujeitas à opressão e discriminação, o que torna a sororidade uma possibilidade de resistência e luta.

Em *Compaixão*, a sororidade surge entre Lina e Rebekka. Lina é ainda uma criança quando uma praga ataca sua aldeia indígena, deixando-a órfã. Soldados franceses encontram ela e outros dois meninos escondidos em uma árvore e os levam para uma comunidade presbiteriana próxima. Lina ainda é uma criança, mas, como uma mulher indígena, é marginalizada e maltratada pela comunidade, sendo constantemente obrigada a trabalhar por pouco ou nenhum dinheiro. Jacob, o dono da fazenda e futuro marido de Rebekka, passa na cidade e leva Lina para trabalhar para ele. Lina é a primeira escrava que Jacob compra para ajudá-lo na fazenda. Ela chega antes de Rebekka, que desconfia dela, mas, como as duas ficam sozinhas na fazenda a maior parte do tempo, eles lentamente se aproximam. Elas acabam se tornando amigas e, quando "o primeiro bebê nasceu, Lina lidou com tanta ternura, com tal conhecimento, Rebekka teve vergonha de seus primeiros medos e fingiu que nunca os teve" (MORRISON, 2019, 75). Ambas eram bem jovens, estavam no final da adolescência, e, embora Rebekka seja a esposa, dona da casa, elas criam um laço

de sororidade sem hierarquias de classe ou raça. Rebekka ainda é inexperiente e precisa da ajuda de Lina, que, por sua vez, anseia por companhia.

Suas diferenças de classe e raça são minimizadas, pois há um “foco na construção da comunidade” (HOOKS, 1993, p. 154, tradução nossa), na tentativa de criar um ambiente agradável para viverem. Ambas entendem que “a concorrência fraudulenta não valia nada em terras tão exigentes” e “eram companhia uma da outra” (MORRISON, 2019, p. 53). Para trabalhar a terra, elas não têm tempo para pensar em suas diferenças, precisam se unir para superar as dificuldades impostas pela terra e pelo clima. Assim, Lina e Rebekka:

Tornaram-se amigas. Não apenas porque alguém tinha que puxar a picada de vespa do braço da outra. Não apenas porque foi preciso duas para afastar a vaca da cerca. Não apenas porque uma tinha que segurar a cabeça enquanto a outra amarrava os trotadores. Principalmente porque nenhuma das duas sabia exatamente o que estava fazendo ou como. Juntas, por tentativa e erro, elas aprenderam (MORRISON, 2019, p. 53).

A amizade das duas transforma-se em sororidade, oferecendo uma maneira de permanecerem vivas, porque, contando uma com a outra, elas são capazes de suportar as dificuldades de administrar uma fazenda sozinhas, compensando a vulnerabilidade de serem mulheres em um mundo controlado por homens brancos. Como comenta o narrador: “Embora não tivessem nada em comum com os pontos de vista uma da outra, elas tinham tudo em comum com uma coisa: a promessa e a ameaça dos homens. Aqui, elas concordaram, era onde estavam a segurança e o risco. E ambas chegaram a um acordo” (MORRISON, 2019, p. 98). Apesar de suas diferenças, elas se unem pela sororidade, identificando-se com as limitações uma da outra e ajudando uma a outra a sobreviver como duas mulheres, a maior parte do tempo sozinhas em uma fazenda isolada.

Como se viu, nos romances *Sula* e *Compaixão*, Toni Morrison evidencia interações complexas entre personagens mulheres de diferentes origens e vivências. Se em *Sula* a sororidade ajuda Nel a tornar-se mais confiante e Sula, mais tranquila, bem como a formar um vínculo entre elas que também afeta suas subjetividades, pois, por meio da identificação uma com a outra, o amor de uma pela outra ensina cada uma a se valorizar e a se amar; em *Compaixão* a sororidade possibilita a criação de vínculos entre mulheres confinadas a um espaço sombrio e apertado, marginalizadas na cabine inferior de um navio devido ao seu gênero, classe e diferentes origens. Essas mulheres encontram, durante a viagem, uma forma de criar um espaço fértil para laços de sororidade, compartilhando inúmeras histórias, cuidando umas das outras e conseqüentemente de si mesmas. Embora esse vínculo seja temporário, a união lhes dá amparo e força, auxiliando-as a assegurar cada uma o seu valor. Em razão desse suporte da sororidade, Rebekka vai ao longo da viagem cuidando de sua subjetividade e adquirindo força para lidar com sua nova vida, ainda misteriosa. Nesse romance, os laços entre as mulheres também é possível entre personagens de diferentes raças e etnias, o que é ilustrado pelo vínculo que se estabelece entre Lina e Rebekka, que acabam se unindo para sobreviver em condições extremas em uma fazenda isolada, ainda nos primórdios da colonização dos Estados Unidos.

Nas obras de Toni Morrison aqui estudadas, pois, as personagens femininas descobrem seu valor individual no processo de cuidar da outra. Nesse sentido, a sororidade lhes proporciona coragem para moldarem positivamente suas próprias subjetividades, para lutarem por empoderamento.

## REFERÊNCIAS

ABEL, Elizabeth. *(E)Merging identities: the dynamics of female friendship in contemporary fiction by women*. Signs 6.3 (1982): 413-435. JSTOR. Web. 4 May 2010.

DAVIES, Carole Boyce. *Black women, writing and identity: migrations of the subject*. New York and London: Routledge, 1994.

DAVIS, Angela. *Women, race, and class*. London: The Women's Press, 1982.

FARINI, Ana Maria Sampaio Luz. *Traduzindo a comunidade afro-americana de Toni Morrison em Sula*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016.

FRIEDMAN, Susan. *Mappings: feminism and the cultural geographies of encounter*. New Jersey: Princeton U P, 1998.

GARDINER, Judith Kegan. *The (US)es of (I)dentify: a response to Abel on '(E)Merging identities'*. *Signs* 6.3 (1981): 436-442. *JSTOR*. Web. 4 May 2010.

GILLESPIE, Diane; KUBITSCHEK, Missy Dehn. Who cares? Women-centered psychology in *Sula*. *Black American Literature Forum* 24.1 (1990): 21-48. *JSTOR*. Web. 17 Mar. 2009.

HALL, Donald. *Subjectivity*. New York and London: Routledge, 2004.

HOOKS, bell. *Yearning: race, gender, and cultural politics*. Boston: South End, 1990.

HOOKS, bell. *Sisters of the Yam: Black Women and Self-Recovery*. Boston: South End, 1993.

HUDSON-WEEMS, Clenora. *Africana womanist literary theory*. Trenton and Asmara: Africa World P, 2004.

LORDE, Audre. Age, race, class, and sex: women redefining difference. *Sister outsider*. Ed. Audre Lorde. California: Crossing Press, 1984.

MASON, Wyatt. The color money. Rev. of *A Mercy*, by Toni Morrison. *New York Review of Books*, v. 56, n. 4, p. 35-37, 2009.

MORRISON, Toni. *A Mercy*. New York: Alfred A. Knoff, 2009.

MORRISON, Toni. *Compaixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORRISON, Toni. *Sula*. New York: Vintage International, 2004.

QUASHIE, Kevin Everod. The other dancer as self: girlfriend selfhood in Toni Morrison's *Sula* and Alice Walker's *The Color Purple*. *Meridians: feminism, race, transnationalism* 2.1 (2001), p. 187-217. *WILSON WEB*. Web. 8 Apr. 2009.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SMITH, Barbara. Toward a black feminist criticism. *Within the circle: an anthology of african american literary criticism from the Harlem renaissance to the present*. Ed. Angelyn Mitchell. Durham and London: Duke UP, 1994. p. 410-427.

WALKER, Alice. In Search of Our Mothers' Gardens. *Within the circle: an anthology of african american literary criticism from the Harlem renaissance to*

the present. Ed. Angelyn Mitchell. Durham and London: Duke UP, 1994. p. 401-409.

Recebido em 15/05/2020.

Aceito em 30/07/2020.